

“Maus - A história de um sobrevivente” e o seu papel na documentação histórica¹

Julia Gomes Romagnoli (graduanda em Jornalismo)²
Isabella de Sousa Gonçalves (graduanda em Jornalismo)³
Carla Ramalho Procópio (graduanda em Jornalismo)⁴
Erika Savernini (doutora em Artes Visuais - Cinema)⁵
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) / MG

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de analisar a obra “Maus – A história de um sobrevivente”, percebendo o seu papel de documentação histórica e biográfica. A obra aborda o Holocausto, mas vai além, por ser o resultado de entrevistas entre o autor Art Spiegelman e o seu pai, sobrevivente de Aushwitz. Em 1980, o livro inovou em muitos aspectos, sendo considerado como fundamental para expandir as possibilidades de narrativas dos quadrinhos. Nessa perspectiva, essa análise se torna fundamental não apenas para entender a evolução do hipergênero, mas também para compreender as possibilidades de representação históricas e jornalísticas que os quadrinhos oferecem.

Palavras-chave: Jornalismo em Quadrinhos; Maus; Documentação; História

Introdução

Os quadrinhos, hoje em dia, assumiram um caráter que vai muito além do entretenimento. Recentemente, houve uma aceitação maior do hipergênero na formação escolar, um fato que atuou de forma significativa na expansão dos HQs. (RAMOS, 2009) Com uma forma de linguagem rica, que varia entre o verbal e não verbal, os quadrinhos são amplos em possibilidades de representações. Atualmente, é possível perceber que o hipergênero não trata apenas da ficção, atuando, em muitos casos, como representação da realidade e, até mesmo, como forma de representação histórica.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 5º período de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: juliaromagnoli@oi.com.br

³ Estudante de graduação do 5º período de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista de Pesquisa da UFJF e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura. E-mail: isgoncalvess@gmail.com

⁴ Estudante de graduação do 5º período de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: carlaramalhop@gmail.com

⁵ Doutora e mestre em Artes visuais – Cinema (EBA/UFMG), bacharel em Rádio e TV (UFMG). Professora adjunto II da FACOM/UFJF. E-mail: erikasavernini@ufff.edu.br

Nessa perspectiva, o artigo propõe analisar a importância documental da obra “*Maus – A História de um sobrevivente*”, que aborda o Holocausto, mas vai muito além. O livro foi resultado de entrevistas entre o autor Art Spiegelman e o seu pai Vladek Spiegelman, que passou um período de sua vida em Aushwitz. Trata-se de uma obra que oscila em uma série de possibilidades. É histórica, documental, biográfica, jornalística e, além disso, ficcional, por não ser possível ter traços completos de realidade em um livro baseado em testemunho.

Na época, 1980, a obra inovou em muitos aspectos, podendo ser considerada como fundamental para a ampliação das possibilidades dos quadrinhos. A linguagem escrita e visual busca o melodrama. O próprio caráter de realidade dá um peso à obra, que acaba adotando um desenho mais grosseiro para se relacionar com a temática.

Na obra, o rato é a representação do judeu; os poloneses não judeus são caracterizados como porcos e os nazistas são ilustrados pelo gato. A escolha do gato para o alemão e do rato para o judeu demonstra o caráter de predador e presa. Além disso, os ratos são idênticos durante o livro, uma metáfora para a uniformidade atribuída aos judeus durante o holocausto.

No enredo, o pai Vladek conhece Anja e, ao casar, assume a fábrica de tecidos do sogro, sobrevivendo de sua administração. Em 1938, o personagem vê a bandeira da suástica pela primeira vez em uma cidade da Tchecoslováquia. Um ano depois, em 1939, é recrutado pela guerra e acaba sendo levado como prisioneiro pelos nazistas. Depois de ser submetido a uma série de condições sub-humanas, como a fome, o frio e a falta de alimentos, é libertado em 1940. As condições da guerra para a população também não era fácil, uma vez que havia racionamento de alimentos. A família de Vladek tenta trocar os seus móveis por comida, sendo enganada e tendo que permanecer em alojamento com os outros judeus. Ao longo do tempo, a família vai se separando por condições adversas, e o casal tenta uma fuga para a Holanda, sendo levado para Aushwitz após a tentativa frustrada. Vladek e Anja se veem novamente, quando conseguem sobreviver, mas ela acaba se suicidando.

O livro, nessa perspectiva, além de ilustrar a vida de Vladek, também demonstra como eram as condições e a realidade do regime nazista. Dessa maneira, os relatos ora se confundem com biografia, ora com a história. Trata-se de uma obra que atua como uma importante fonte de memória.

Nessa perspectiva, estudar *Maus* é importante para entender como os quadrinhos oferecem possibilidade de representação de uma realidade. No caso dessa obra, o caráter documental é inegável, sendo fonte de pesquisa importante para a comunicação.

Interseção entre o jornalismo e a literatura

A relação entre jornalismo e literatura se configura em um relacionamento de longa data. A aproximação dos dois gêneros começa no século XVIII e ao longo da história eles se conversam, se aproximam e divergem, numa contaminação incessante que se dá às vezes de forma mais intensa e às vezes tímida, à medida que o cenário histórico se faz ameaçado no quesito produção artística, ou então quando suas funções de representatividade estão postas em dúvida, já que a sociedade se mantém em contínuo processo de transformação. Se cada um dispõe de sua própria especificidade, com técnicas e estilos diferenciados. Essa contaminação ocorre, não somente no campo da temática, mas também no interior do discurso, de forma que a função exercida, no caso específico da atividade jornalística – comprometida com a verdade dos fatos -, tenha sido determinante para a busca da construção de uma linguagem objetiva, de um estilo próprio, para retratar uma realidade onde são apagadas quaisquer marcas de subjetividade e de autoria. Sendo assim, a questão que ronda essa relação é o contraste entre linguagem subjetiva x linguagem coerente com a realidade.

Um dos primeiros escritores jornalistas brasileiros foi Machado de Assis, que trabalhou, entre outros, no jornal carioca Gazeta de Notícias, onde publicou diversas crônicas com temas relacionados à sociedade brasileira da época. Além de Machado, muitos outros escritores se aventuraram pelo terreno do jornalismo, seja através de crônicas ou de grandes reportagens, no qual misturavam fatos reais a uma linguagem um pouco mais subjetiva, ultrapassando os limites do jornalismo convencional.

De acordo com Felipe Pena (2006, p.14), “o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba construindo novas estratégias profissionais.” Segundo Pena, os princípios do texto jornalístico ainda se fazem muito importantes e se mantêm os mesmos, como a apuração rigorosa, a observação, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outros.

A realidade é que estas duas expressões da comunicação humana estão, de uma maneira ou outra, ligadas: “Escritores e jornalistas participam do mesmo universo: o da narração” (CASTRO, 2005, p. 80) e aventuram-se pelo mesmo mundo: o das palavras.

Para Antônio Olinto (2000), os dois gêneros, em sua profundidade trabalham com os mesmos recursos:

O que serve de caminho para a poesia, transmite também a notícia da morte de uma criança sobre o asfalto. Entre os dois elementos, não há diferença técnica, a não ser em espécie e intensidade (...) o que acontece é que o plano do jornalismo é o de uma literatura para imediato consumo. (OLINTO, 2000, apud NICOLATO, 2006, p. 10).

Alguns gêneros literários nasceram dessa relação entre Jornalismo e Literatura. Na realidade, ainda que eles não sejam genuinamente pertencentes à um ou à outro, o fato é que se apropriam de características centrais desses dois conhecimentos. A biografia e o livro reportagem são exemplos dessas influências. Karine Moura sintetiza de forma esclarecedora o que de fato representa a biografia hoje e o que ela carrega em sua definição de gênero:

No seu constructo como gênero jornalístico encontra-se além da subjetividade, como signo principal, a inerente interdisciplinaridade – em uma vereda transversa entre a história e a literatura – e o diálogo com as singularidades destes dois campos que estão na sua gênese. A biografia traz na sua bagagem como gênero híbrido, o interesse essencial pelo humano, pela ação humana como narrativa contemporânea e manifesta, na sua simbologia própria, uma possibilidade de “textura” única dessa experiência. (VIEIRA, 2010, p.9)

Por fim, ainda hoje é possível encontrar a presença de literatura no jornalismo e vice versa. Além disso, essa relação tem rendido frutos que ocupam uma lacuna de mercado, entre os consumidores que não se identificam com uma linguagem tão concisa e direta como a jornalística e nem com a linguagem completamente ficcional da literatura. Sendo assim, o casamento entre os dois conhecimentos geram frutos que representam uma alternativa no quesito consumo de conteúdo e informação, em diversos formatos.

A evolução das possibilidades narrativas dos quadrinhos

Ao longo do desenvolvimento cultural da sociedade, os quadrinhos, ao lado dos filmes, tornaram-se os principais produtos contadores de histórias, compostos pela narrativa que se traduzia através das imagens. Entretanto, ao contrário do cinema que construiu e manteve sua reputação como grande arte, os quadrinhos vêm ganhando espaço ao longo dos anos de uma forma gradativa. De acordo com Will Eisner, isso se deu por conta da mudança no que diz respeito ao que é literatura:

Na segunda metade do século XX houve uma mudança na definição do que é literatura. A proliferação do uso de imagens como um fator de comunicação foi intensificada pelo crescimento de uma tecnologia que exigia cada vez menos a habilidade de se ler um texto. Dos sinais de trânsito às instruções mecânicas, as imagens ajudaram as palavras, e muitas vezes, até as substituíram. Na verdade, a leitura visual é uma das habilidades obrigatórias para a comunicação neste século. E as histórias em quadrinhos estão no centro desse fenômeno. (EISNER, 1996,p.7)

As primeiras tiras em quadrinhos foram publicadas no Brasil no ano de 1837, em jornais que, ao longo de meio século, evoluíram para as extensas histórias dos livros em

quadrinhos, chamadas *graphic novels*. O mais interessante da evolução do hipergênero é que, mesmo com a forte tendência para a sofisticação técnica das histórias e dos desenhos, os quadrinhos continuaram sendo plurais em sua essência, por possuir uma linguagem universal: a imagem. Entretanto, essa pluralidade do gênero foi por vezes tratada como um ponto depreciativo, uma vez que os próprios artistas de quadrinhos produziam conteúdo pensado para leitores com um baixo nível cultural, dito com capacidade intelectual limitada. O que acontecia era uma larga produção de entretenimento descartável, por isso a resistência de outros veículos em adotarem o hipergênero.

Ainda sobre a mudança da literatura, Eisner explica que os quadrinhos acabavam sendo uma ameaça à própria literatura, por trazer elementos novos que não tinham sido antes incorporados:

A predominância da arte no formato tradicional dos quadrinhos chamou mais atenção para essa forma do que para seu conteúdo literário. Portanto, não é de se surpreender que os quadrinhos, como uma forma de leitura, sempre tenham sido vistos como uma ameaça à própria literatura, como havia sido definido na era pré-visual/eletrônica. (EISNER, 1996,p.7)

Ainda sob a ótica de Eisner, outro ponto interessante sobre a evolução dos quadrinhos é no que diz respeito à temática das obras. Entre 1965 e 1990, os autores procuraram incorporar o conteúdo literário nas histórias. Temáticas como protestos sociais, fatos históricos, relações humanas, antes abordados pela literatura e pelo cinema, ajudaram no amadurecimento do hipergênero como um todo e, na medida em que eram mais lidos e vendidos, tornavam-se mais coloridos e sofisticados.

Dessa forma, em conjunto com outros gêneros, os quadrinhos atuam na composição da sociedade e sua produção é também afetada por ela. De modo que, assim como a estilização dos desenhos foi influenciada pelo avanço das tecnologias, como o cinema, o conteúdo e a forma de narrar os quadrinhos também tem se transformado, adotando séries mais futurísticas e trazendo elementos gráficos que só são possíveis graças à evolução tecnológica do gênero.

Com a revolução digital, hoje o hipergênero pode ser encontrado nas mais diferentes temáticas, tendo ou não elementos jornalísticos. Os quadrinhos também passaram a ser uma fonte de procura por conhecimento e lazer, que mesmo tendo nascido de uma estratégia para ocupar espaços dos jornais, transformou-se em um denso gênero literário, que se especializou em todos os tipos de público e se adaptou às diferentes apropriações da convergência tecnológica. Nessa perspectiva, o contato com as diferentes interfaces tecnológicas fez com que, atualmente, o hipergênero fosse capaz de ganhar notoriedade e participação.

A realidade e os Quadrinhos

A ligação dos quadrinhos com o jornalismo é antiga, uma vez que as charges e cartoons estiveram presentes nos periódicos durante muito tempo, como forma de ilustrar e demonstrar o caráter opinativo do jornal. Essa união se inicia por volta de 1850, sendo que em 1896 aparece a Yellow Kid, a primeira tira cômica com balão, nos jornais (IANNONE, 1994). O recurso era utilizado para atrair mais leitores e comercializar mais exemplares. Era uma estratégia de competição entre os periódicos, fazendo-os ganhar maior força mercadológica. Dessa maneira, existiu uma co-dependência entre jornalismo e os quadrinhos, uma vez que um incentivou o crescimento do outro.

A ligação entre os quadrinhos e a realidade também não é nova. Ainda no século XIX, o seu distanciamento da ficção já se encontrava presente, demonstrando as possibilidades de ampliação dos quadrinhos.

A prática de combinar os quadrinhos com fatos reais remonta ao século XIX, quando Ângelo Agostini, um italiano que viveu no Brasil, ilustrou situações que ocorriam cotidianamente. Em 1885, houve um acidente na estrada de ferro de São Paulo e Agostini desenhou a queda do trem em uma vala e o socorro aos feridos prestado pelos frades de um seminário local. (SANTOS; CAVIGNATO, 2013.p.212)

Em 1986, o primeiro volume de “Maus: a história de um sobrevivente” também influenciou a mudança do hipergênero. No caso da obra de Art Spiegelman, a história estava mais voltada para a biografia. Entretanto, essa característica não deixou de ser uma forte influência para a ligação entre a realidade e os quadrinhos e, mais à frente, entre o jornalismo e os quadrinhos.

Mesmo havendo uma tendência de ligação entre o jornalismo e a realidade, foi só em 1996, com a obra Palestina de Joe Sacco que a reportagem e os quadrinhos se encontram. O autor é considerado como o precursor do jornalismo em quadrinhos, com obras voltadas para a guerra que ilustravam a realidade por meio do HQ. (SANTOS; CAVIGNATO, 2013)

O jornalismo em quadrinhos inova o fazer jornalístico, trazendo outras possibilidades de representação da realidade, uma vez que combinam às notícias e às reportagens elementos diversificados e outras formas de leituras. As duas linguagens são distintas, havendo uma mescla das características do HQ com as jornalísticas. Entretanto, mesmo o HQ tendo uma ligação maior com a ficção, ao longo de sua história, isso não diminui o caráter de realidade da obra.

Tendo em vista que as histórias em quadrinhos jornalísticas são vistas com polêmica por falta de confiança nos desenhos, devemos lembrar que não é possível acreditar

totalmente no que o próprio jornalismo convencional divulga. Não se deve cobrar de um HQ, que é uma representação do real, algo que seja “totalmente” verídico, já que nem os próprios veículos tradicionais o são apesar de basearem-se em fatos reais. (SANTOS; CAVIGNATO, 2013.p.221)

Nessa perspectiva, o próprio jornalismo já tem diversas verdades, não existindo a imparcialidade. Dessa forma, utilizar os quadrinhos para ampliar as possibilidades de narrativas não diminui o caráter jornalístico da reportagem ou da notícia.

A documentação de “Maus – a história de um sobrevivente”

A relação da memória e da realidade da história contada no livro “Maus – a história de um sobrevivente” é um ponto importante a ser discutido neste artigo, visto que a obra é uma mescla do testemunho do pai do autor sobre os horrores do holocausto, com um contexto histórico documentado e difundido.

A obra de Art Spiegelman é um livro em quadrinhos considerado biográfico, por se tratar do relato real de Vladek Spiegelman, pai do autor, que viveu os difíceis anos de invasão alemã à Polônia e, assim como a maioria dos judeus dos países ocupados pelo nazismo, sofreu nos campos de concentração.

Um dos pontos mais curiosos do livro é a representação animalésca dos personagens, sendo eles antropomorfizados, retratados como animais *humanizados*. Nos quadrinhos, os judeus são desenhados como ratos e os nazistas ganham feições de gatos; poloneses não-judeus são porcos e americanos, cachorros. A relação de gato e rato é uma metáfora para a inferioridade do rato na cadeia alimentar, assim como os judeus em relação aos nazistas. Esse recurso, aliado à ausência de cor dos quadrinhos, reflete o espírito do livro: trata-se de um relato incisivo e perturbador, que evidencia a brutalidade da catástrofe de um dos períodos mais negros da humanidade.

É importante perceber, entretanto, a importância do formato dos quadrinhos para a obra. O relato assume um caráter inovador, uma vez que as ilustrações passam a ser peça fundamental para a leitura do livro. O autor, além de utilizar desenhos, vai além, colocando elementos que normalmente não são vistos no hipergênero. Há a presença de fotografias, como a do irmão pequeno ao lado da mãe e a do pai vestido de prisioneiro. A presença da foto atua como um lembrete para o caráter real da obra e para a forma como a analogia das espécies para a representação das raças acaba sendo uma escolha que vai além da metáfora.

O ponto principal que nos conduz ao longo do livro é a relação pai-e-filho, e no desenrolar desta relação, aos poucos Vladek vai contando para o Art tudo que ele conseguia se lembrar da época em que viveu fugindo dos nazistas, até ser capturado e levado para Auschwitz.

Tendo em vista que o livro é uma biografia, consideramos o discurso de “Maus”, um discurso biográfico e híbrido e, como um subgênero do jornalismo literário, funde os recursos do jornalismo e da literatura, além de usar métodos da História para a reconstrução do passado e de ser visto, muitas vezes, como um local de preservação da memória.

Narrar a história de uma vida. O significado da palavra biografia encontrada nos dicionários é, ao mesmo tempo, definidor e desafiador no que se refere à complexidade do seu sentido. Como contar a vida de alguém? Qual o ponto de partida? O nascimento? A história de família e a sua genealogia? Como conceber em uma narrativa a trajetória de uma vida? A ação da aventura humana é uma longa narrativa que move o desejo e o interesse pelo outro, seja na investigação científica para a antropologia, sociologia, a história, ou mesmo no jornalismo, enquanto ofício cotidiano de narração das micro-histórias de vida. (VIEIRA, 2010, pag 1)

Sendo assim, o livro traz também as aflições do autor por tentar ao máximo corresponder à responsabilidade de escrever as memórias do pai de forma que elas consigam trazer consigo toda a veracidade do que ele passou (Anexo 1).

Na tira em anexo, é possível perceber o traço do desenho do autor que, apesar de simples, traz as cenas com detalhes. Dentre várias especificidades sobre o dia a dia dos judeus nos campos de concentração, é interessante perceber que, em alguns relatos do pai, ele conta que no início da invasão alemã à Polônia não havia ainda a “caça aos judeus” de forma tão incisiva, como outras produções literárias e cinematográficas trazem. De acordo com Vladek, o processo foi acontecendo aos poucos, sendo que primeiramente surgiram os guetos, para onde os judeus eram levados e obrigados a viver. De início, falava-se que lá haveria trabalho e que por isso eles deveriam ir. Entretanto, nos guetos os judeus já conviviam com o racionamento de tudo, mas ainda conseguiam viver com o mínimo de dignidade.

Paralelo ao desenvolvimento dos guetos, os nazistas já levavam judeus para trabalhos forçados, mas em números reduzidos. Entretanto, nessa época foram percebidos muitos desaparecimentos de idosos e crianças que, na realidade, já era uma ação nazista. Outro ponto interessante retratado pelo autor é a existência de soldados corruptos entre os nazistas, que aceitavam dinheiro em troca de livrar alguns judeus que tinham melhores condições de vida.

Com o desenrolar da guerra e a dependência cada vez maior do nazismo em ter mãos para suprir o “esforço de guerra” que os próprios alemães não conseguiam dar conta na produção – principalmente de armas – os judeus foram escalados em massa para os trabalhos

forçados nos campos de concentração. Nesse momento, a situação dos judeus atinge o mais alto grau de brutalidade, pois poucos sobreviveram aos campos, à fome e à brutalidade dos nazistas. Muitos perderam pais, filhos, outros parentes próximos, amigos e conhecidos (Anexo 2)

Considerações Finais

Analisar “Maus – a história de um sobrevivente” é fundamental para entender as diversas possibilidades narrativas dos quadrinhos. Ao longo do tempo, o hipergênero tem ganhado destaques, havendo maior adesão dos autores para narrativas que estejam além do entretenimento. Nessa perspectiva, surgem as obras com maior caráter jornalístico, histórico e documental.

Definir Maus como uma história em quadrinhos que aborda apenas o contexto histórico do holocausto seria um erro, uma vez que a história é também composta da narrativa pessoal do pai do autor. Esse elemento dá aos quadrinhos uma dose carregada de subjetividade, uma vez que traz à tona as perspectivas dos personagens da história.

É justamente nessa característica que encontramos a importância jornalística da obra. Por trás de um contexto social e histórico, ela revela o testemunho de uma vítima do holocausto, que traduz os horrores da época através de sua própria história. Dessa forma, a própria metodologia da história oral passa a ser valorizada, já que dá a ela um caráter de documentação.



Referências Bibliográficas

CASTRO, Gustavo de. “A palavra compartilhada”. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). *Jornalismo e literatura; a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002).

EISNER, Will. *Narrativas Gráficas*. São Paulo: Ed. Devir, 2005.

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.

MOURA, Karine. *Biografia como gênero jornalístico: experiência narrativa na contemporaneidade*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-karine-biografia-como-genero-jornalístico.pdf>. Acessado em 23/06/2015.

OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro 2000.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos – coleção Linguagem & Ensino*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

SPIEGELMAN, Art. *Maus – A história de um sobrevivente*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1980.

SANTOS, R.E. dos.; CAVIGNATO, D. *A Renovação da Linguagem Jornalística no Jornalismo em Quadrinhos*. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicacao?dd99=pdf&dd1=7857>. Acessado em 23/06/2015.

Anexos

Anexo 1:



SE OS MORTOS TINHAM PÃO
GUARDADO, SAPATOS BONS...

LA' FORA, ESTAVAM VÁRIOS TRENS PARADOS HÁ SEMANAS.
NEM ABRIAM AS PORTAS. ESTAVAM TODOS MORTOS.



Anexo 2:

